

*Poesia Slam: Literatura de migração, exílio e periferias –
discurso e performance em tradução*

Maria Aparecida Andrade Salgueiro¹

Considerado, hoje, um dos movimentos mais representativos da poesia contemporânea, a *Slam Poetry / Poesia Slam* – batalhas de poesia falada que se multiplicam nas periferias globais e do Brasil afora com vozes quase totalmente negras, majoritariamente femininas, trazem a força da tradição oral, acrescida da *performance* vocal e corporal, ao trabalhar temas relevantes na contemporaneidade e em suas literaturas de migração. Na presente comunicação, aprofundaremos tema sobre o qual temos nos debruçado, trazendo relatos de experiência e considerações em curso sobre a tradução de poemas *slam*, desde 2014, no Centro de Estudos Interculturais do Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina César, do Instituto de Letras da UERJ – ESCRTRAD/UERJ, a partir de convite dos organizadores da FLUP – a *Feira Literária das Periferias* – para participação, com tradução, no *Rio Poetry Slam*, competição internacional de poesia falada, que ocorre, anualmente, no Rio de Janeiro. Naquele espaço da Universidade e com aquele grupo, acrescido ao trabalho de pesquisa desde os anos 90 sobre as Literaturas Afro-diaspóricas e as rotuladas como *periféricas*, reunimos trabalho específico de tradução de poesia contemporânea entre pares linguísticos de línguas estrangeiras e o Português do Brasil, em situação de tradução inter/transcultural, analisando situações e repensando os processos tradutórios ano a ano, em coletivo, tal como na própria *slam poetry*, e realizando buscas e visitas necessárias – pelo aspecto absolutamente contemporâneo dos textos – via internet, Twitter, YouTube, para chegar às vezes, após horas de pesquisa, ao detalhe exato de uma referência precisa e fulcral para o entendimento do texto sendo traduzido. A presente comunicação aborda, em diálogo, este e outros aspectos tradutórios.

Ao trabalhar temas relevantes na contemporaneidade, como gênero, (in)justiça social, racismo, economia e política, os poemas *slam*, em suas batalhas de poesia falada, versam sobre questões de impacto no presente, e se constituem em manifestações que projetam

¹ **Maria Aparecida Andrade Salgueiro UERJ/FAPERJ/CNPq**

Professora Titular, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Diferentes momentos de atuação no exterior, entre eles, como Visiting Professor no *Dartmouth College* e Distinguished Visiting Professor na *University of Houston*, nos Estados Unidos. Pós-Doutora, Universidade de Londres, UCL (2008). Doutora, UFF, 2000. Pesquisadora 1D do CNPq; Cientista do Nosso Estado/FAPERJ; Procientista UERJ/FAPERJ. Líder de Grupo de Pesquisa/CNPq. Na UERJ é Professora e Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Coordenadora Geral do Escritório Modelo de Tradução. É autora, no Brasil e no exterior, de artigos, capítulos de livros, organizadora e co-autora de obras, entre elas *Estudos da Tradução em foco* (2021); *Zora Neale Hurston and 'Their Eyes were watching God': The construction of an African-American Female Identity and the Translation Turn in Brazilian Portuguese* (2010), com Alva, R., e autora de outras, sendo a mais conhecida, *Escritoras Negras Contemporâneas - Estudo de Narrativas: Estados Unidos e Brasil* (2004).

identidades e individualidades colocadas à margem em um mundo que se diz globalizado, e onde, pelas lógicas de mercado hegemônicas, as riquezas se concentram cada vez mais nas mãos de menos gente. Espalhando-se pelo mundo, a *Slam Poetry* oferece a possibilidade da conexão direta entre autor e público de maneira imediata e intensa, sendo uma poderosa plataforma de expressão criativa (SOMERS-WILLET, 2009, p.37). A chegada da pandemia em 2020 e o agravamento de tensões geradas pela desigualdade mundial e pelo racismo trouxeram novos formatos para o gênero, impossibilitado, lamentavelmente, na maioria das vezes, do contato próximo a seu público – ponto tão importante em sua caracterização.

Em tempos em que a desigualdade mundial alcança índices alarmantes, em que a distribuição da riqueza pós-pandemia “piorou”, o mundo vai chegando a uma época de calamidade absoluta. Nesse contexto, textos e manifestações da/s Literaturas ditas periféricas, de exílio ou migrantes – realidades incontestáveis na contemporaneidade – e, conseqüentemente, a pressão cada vez maior visando as necessidades de tradução de tais textos, impõe-se análise através de artigos e pesquisa que avaliem as dificuldades específicas impostas a tradutores em tal contexto.

Os poetas *slam* – aqui genericamente abrangendo os ditos periféricos, os migrantes e os em exílio forçado por um mundo que se diz global –, encaram a poesia não apenas como literária ou performática, mas, especialmente como um evento político. Dentro de enfoque dos Estudos Culturais, o crítico Chris Barker lembra que

os poemas se constituem em uma declaração empoderada de identidades e individualidades marginalizadas, sendo os temas da raça, do gênero e da sexualidade os mais emblemáticos e o objetivo principal da poesia *slam* o de afirmar a autenticidade de uma identidade para seu público. (BARKER, 2012, p.123)

Consideremos algumas das características fundamentais de um *empolgante* poema *slam*, que apresentam questões significativas para tradutores. Entre tais aspectos, estão:

- a originalidade;
- a possibilidade de ser apresentado em três minutos apenas;
- o ritmo e a paixão, visto que, em um poema *slam*, importa não só o conteúdo, mas também o envolvimento da *performance*;
- a clareza, a força e a capacidade de impacto imediatos sobre o público e sobre o júri de cinco pessoas, em geral, escolhidas ali, na hora, aleatoriamente, e que julgarão, de pronto, com notas, em cartazes visíveis para todos, com inscrições de um a dez. A maior e a menor nota são descartadas e as três do meio mantidas (máximo, 30; mínimo, zero). (SALGUEIRO, 2021, p. 66-67)

Ou, nas palavras de dois estudiosos do tema:

Slams são eventos cativantes de poesia com foco na atenção **da audiência ao vivo** na apresentação da poesia que foi composta, polida e ensaiada **com o propósito de ser *performada*** – muito frequentemente em uma arena competitiva, mas não sempre. (SMITH & KRAYNAK, 2009, p. 3; tradução de VIEIRA, Fernanda)

A *Slam Poetry* reúne poetas da cena nacional dos *Poetry Slams*, batalhas de poesia falada surgidas no final da década de 1980 em Chicago, nos Estados Unidos, hoje celebradas em milhares de comunidades ao redor mundo (ocidental) e que se estabeleceram como uma das mais empolgantes, fortes e assertivas formas de expressão popular, conquistando cada vez mais adeptos e espectadores. Reiterando: três minutos para apresentar um texto de autoria própria usando apenas voz e corpo, sem adereços cênicos. São essas as regras básicas de uma competição de poesia falada; são esses os desafios para tradutores.

Além de seu aspecto de denúncia política de um mundo neoliberal absolutamente desigual, como vários já lembraram, Marc Smith, o criador do *slam*, costumava defini-lo como um “show-cabaré-poético-vaudevilliano”. A ideia inicial era organizar noites de performances poéticas, numa tentativa de popularização da poesia falada em contraponto aos fechados e assépticos círculos acadêmicos. Uma celebração mais festiva da poesia, onde as pessoas que participam pudessem se manifestar livremente, interagir. Essa proximidade do *slam* com a festa, com a diversão, leva à ideia de que a poesia não está em um pedestal e não precisa ser algo tão sacralizado ou elitizado, mas pode ser também – e deve muitas vezes – uma prática popular e festiva; aspectos a serem mantidos nas traduções, colocando em relevo também a pertinência dos conceitos de *performance* e *ritmo* para se pensar a tradução do significado para além do conteúdo semântico.

Em nosso fazer tradutório, entre tantas outras demandas, no *Centro de Estudos Interculturais* do *Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina César*, do Instituto de Letras da UERJ – ESCRTRAD/UERJ, ao tratar da tradução de vozes da poesia contemporânea, enfrentamos novos desafios desde 2014, nos segundos semestres: além dos aspectos até aqui mencionados, cabe apontar os elementos de oralidade dessa forma de expressão, sem esquecer dos aspectos performáticos, parte de sua essência, levantando questões que poderão servir para pensar e repensar a maneira de representar diversos falares através da escrita, em torno do tema da oralidade – foco contemplado sem tanta frequência nas áreas dos Estudos da Tradução e da Literatura em nosso país.

Assim, nosso contato mais próximo com as batalhas se deu a partir de convite dos organizadores da FLUP – a *Feira Literária das Periferias* – para participação no *Rio Poetry Slam*, competição internacional anual de poesia falada, no Rio de Janeiro, na culminância das atividades da FLUP recebendo poetas – em especial, mulheres – das periferias dos grandes

centros e capitais do mundo ocidental, em mais um campeonato internacional que força a discussão sobre o papel, o impacto, o foco da Literatura e dos estudos literários no mundo contemporâneo em uma experiência de reescrita transcultural e de revisita e busca de libertação das amarras de um passado colonial. Abria-se naquele momento de 2014 uma parceria [Rio Slam Poetry/FLUP e ESCRTRAD/UERJ] que dura até hoje – dez anos! –, em constante dinâmica, tal como nosso objeto de estudo.

Naquele momento conhecemos Roberta Estrela D’Alva, figura sempre pró-ativa e brilhante, através de quem o *slam* chegou ao Brasil em 2008 e foi encampado pelo *Núcleo Bartolomeu de Depoimentos* – os Organizadores do *Slam* na FLUP. Assim, desde 2014, durante a 2ª edição da *FLUP*, quando esta sediou o II *Rio Poetry Slam*, competição internacional de poesia falada, na Favela da Mangueira, próxima à UERJ, o *Centro de Estudos Interculturais*, do *Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina César*, aceitou mais um desafio em sua história de tantos outros ao longo de seus vinte e quatro anos, e se tornou parceiro da FLUP quanto ao aspecto tradutório, abrindo espaço dentro da academia para a considerada polêmica forma de expressão (o *slam*) nos muros acadêmicos, e para a abertura de diferentes frentes de pesquisa quanto à tradução intercultural no ESCRTRAD/UERJ, e, a partir daí, pelas questões ali levantadas, em outros espaços. Acrescia ainda a vivência intensa da expressão oral – literária – unindo Universidade Pública e Periferias, em função social tão relevante e demandada com cada vez maior frequência pelas comunidades ditas periféricas. A parceria veio a calhar e atendeu à pronta demanda, com as traduções prontas, projetadas em enormes telões, que haviam feito falta absoluta no primeiro evento no ano anterior. No YouTube, ao buscar *Rio Poetry Slam*, encontram-se inúmeros vídeos de poetas, declamando e com seus poemas traduzidos por nós, ao fundo, no telão.

E outra frente – a da transposição da oralidade, da sensibilidade, do ritmo, do foco principal de ideias do poema – esta também, ficava para nós, tradutores. E com enorme sucesso e recepção calorosa fizemos, através do Grupo de Pesquisa e Extensão do ESCRTRAD/UERJ, nossa entrada na FLUP. Foram quase 300 poemas traduzidos/vertidos, a partir de / para diferentes línguas, por um time devotado por três meses, atingindo momento de celebração coletiva ao ver tudo projetado no telão do evento. No momento, estamos trabalhando na edição 2023, para a qual a FLUP convidou poetas dos cinco continentes, em um total de 40 poetas, cada um com três poemas... Em breve serão 120 poemas traduzidos / vertidos fazendo a festa.

No que tange ao trabalho que assumimos, acresce todo o escopo de referências culturais, advindas dos poetas das periferias de Berlim, Hamburgo, Madri, Lisboa, Londres,

Nova Iorque, Chicago, Roma, Paris, com o drama em plena ebulição na Europa dos processos migratórios e das tensões pré- e pós-referendo sobre o *Brexit*, aí acrescidos de inúmeras outras. Além dos desafios no conteúdo, para o qual se criam grupos de estudo e pesquisa *online* de nomes, referências a lugares, canções, fatos, correspondências, há – nessa reescrita, nesse choque de realidades e culturas – a questão a não ser jamais negligenciada da oralidade, do ritmo, das possíveis rimas em língua portuguesa do Brasil e de se fazer compreender na língua alvo para não prejudicar os competidores estrangeiros que serão julgados – em tradução – por jurados brasileiros, terminando em uma construção de muitas vozes em uníssono para um produto final, em concreto processo de transculturalização, remetendo ao jogo polifônico propriamente dito, já anteriormente mencionado.

Aos poucos percebíamos como os poetas *slam* em suas apresentações se colocam como autores, críticos e inspiradores de gerações mais jovens que encontram um modelo onde se reconhecem – momento tão relevante nos movimentos identitários do presente. E muitos dos tradutores a que nos referimos são intelectuais negro/as recém-graduado/as e, vem se ocupando dos desafios de mais esse campo do saber. Novos tempos, novos autores, autoras, tradutores e tradutoras, conduzido/as por sólidas gerações anteriores; ancestralidade, viagens, novas configurações, corpos em transformação, saberes. Autore/as e tradutore/as que problematizam essas relações em busca de uma nova forma de intelectualidade negra que interfira direto na realidade.

A adesão do segmento estudantil – de Graduação e Pós-Graduação – ao presente Projeto, desde sua concepção inicial, muito provavelmente por conta das características do espaço institucional em que ocorre – a UERJ (primeira universidade a adotar o sistema de cotas para afrodescendentes no Brasil, nos idos de 2003 – celebrando 20 anos neste ano de 2023) –, tem sido extremamente significativa e contribui com aspectos de avanço social, cultural e de cultivo de autoestima, no que diz respeito a necessidades de busca identitária de nossos jovens, mas também de novos patamares e de uma nova agenda propositiva nesse campo que dê conta de aspectos ligados ao lazer, à cultura, ao bem-estar, sentimento de pertencimento, memória, ancestralidade e ao alcance e visibilidade de bens culturais, sempre nos lembrando daqueles que incluem, se situam nas escolas, os “*Slams Interescolares* – das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam Interescolar” “cujos versos ecoam uma cultura jovem, popular, negra e pobre – papo reto – de moradores da periferia”. (COLETIVO SLAM DA GUILHERMINA, 2021)

Sempre apoiados pelo *Slam da Guilhermina*, este Coletivo publicou em seu perfil do Facebook em 17 de setembro de 2020, em plena pandemia:

Campanha premiação Slam Interescolar SP.

Pela primeira vez desde quando iniciamos este projeto em 2015 corremos o risco de não ter premiação para os alunos participantes: Tablets e Notebooks. Contamos com diversos poetas-formadores que estão indo voluntariamente nas escolas para que o projeto possa acontecer mesmo nesta pandemia. O que está pegando no momento é a falta de recursos para comprar os prêmios. Essas premiações são estímulos para que os alunos, em sua maioria de periferia, possam se inscrever e batalhar para ganhar. Mais de 80 escolas do Estado de São Paulo se inscreveram este ano e não gostaríamos de retroceder, por isso pedimos a sua colaboração com quanto você puder. “Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas” (SLAM DA GUILHERMINA, 2020)

Da mesma forma, o estudo de questões voltadas para o tema, em perspectiva comparada, com pós-graduandos também em pesquisa direta sobre a temática, vem trazendo elementos significativos para a compreensão de traços fundamentais de cultura, dentro de uma perspectiva contemporânea de compreensão étnica, em área abrangente da Literatura Comparada. Além disso, a experiência tem ocasionado também transformações na formação do/as e nas vidas do/as bolsistas que trabalharam com os poemas *slam* sob a minha orientação, tendo sido considerado por ele/as um trabalho necessário no ambiente acadêmico e em suas relações com a vida, especialmente ao realizar movimentos epistêmicos diversos para ler e traduzir os textos de autoria negra.

O interesse crescente de outros setores da Universidade e de fora dela, nas questões afro-americanas e afro-brasileiras – assim como no próprio tema da Poesia *Slam* – vem gerando interessantes trocas, dentro de uma ótica verdadeiramente universitária, colocando a Literatura e os Estudos Literários, não distantes e longínquos, mas vivenciados, inseridos e presentes na realidade de nosso estado/país, dando sequência a constantes práticas e preocupações da pesquisadora com a questão da divulgação científica e dos resultados da pesquisa universitária para os cidadãos.

Além disso, os resultados derivados do presente trabalho em curso no ESCRTRAD e a pesquisa daí derivada, oferecem subsídios e material de trabalho para o exercício da Lei 10.639/2003, que estabelece que ‘nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileiras’(LEI No 10.639, de 9 de janeiro de 2003), que em seu sentido lato, almeja o estudo da cultura da diáspora africana em geral, aí incluída, claro, a cultura e literatura dos povos afro-americanos. Cabe não esquecer, claro, seu avanço, consubstanciado na Lei 11.645/2008 que obriga a inclusão no currículo do estudo da história e cultura dos povos indígenas (LEI Nº 11.645, de 10 de março de 2008).

Ancestralidade e oralidade – dois conceitos que não podem ser desmembrados ao se falar da poesia *slam*. É aquele “vamos contar nossa história”, gritado por tantos *rappers*,

slammers, autore/as de poesia oral, quando soa o alerta sobre a importância de os povos se narrarem, dos perigos de ter sua história contada por outros ou até mesmo do risco de essas histórias caírem no esquecimento ou no silenciamento. Lidar com oralidade implica lidar com repertório literário que leva a outras perspectivas e sensibilidades, a nova quebra de paradigmas, a novos enfoques tradutórios. A um discurso que aumenta e que fala da importância da equidade racial para o desenvolvimento do país, que não vai avançar enquanto não enfrentar com seriedade o racismo estrutural. Ou como diz Conceição Evaristo em entrevista que bem pode ser aqui citada: “A oralidade me preparou essa sensibilidade para colher os fatos do mundo” (EVARISTO / BORGES: 2018). Desde cedo ouvindo histórias, essa vivência já era nascença da *escrevivência* – conceito da importante Autora, conceito afro-brasileiro, de contribuição à Literatura Afro-brasileira, e sempre esclarecedor nesse campo.

REFERÊNCIAS

BARKER, Chris. *Cultural Studies*. London: SAGE, 2012.

BEVERLY, John. *Subalternity and Representation – Arguments in Cultural Theory*. Durham and London: Duke University Press, 2004.

BORGES, Juliana. (2018) “Nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande”. Entrevista com Conceição Evaristo.

<https://nosmovimenta.com.br/index.php/2018/04/30/nos-nao-escrevemos-para-adormecer-os-da-casa-grande/>

Acessado em 19 de maio de 2018.

COLETIVO SLAM DA GUILHERMINA. *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam Interescolar*. São Paulo: Coletivo Slam da Guilhermina, 2021.

ESCRITÓRIO MODELO DE TRADUÇÃO ANA CRISTINA CÉSAR / UERJ

<https://www.institutodeletras.uerj.br/escritorio-modelo-de-traducao/>

Acessado em 28 de setembro de 2023.

FLUP – A Festa Literária das Periferias

<https://www.flup.net.br/>

Acessado em 29 de setembro de 2023.

LEI No 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

LEI Nº 11.645, de 10 de março de 2008.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm

RIO POETRY SLAM

Rio Poetry Slam 2019 | Melhores Momentos

https://www.youtube.com/watch?v=qMLV0_mDCC0

Acessado em 28 de setembro de 2023.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade Tradução de vozes da poesia contemporânea: a Slam Poetry em foco. In: Maria Aparecida Andrade Salgueiro. (Org.). *Estudos da Tradução em foco - Jornadas Casa Dirce / UERJ*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021, p. 62-76.

_____. Traduzindo literatura da diáspora africana para a língua portuguesa do Brasil: o particular, o pós-colonial e o global. *CADERNOS DE TRADUÇÃO*, 2014, p. 262.

SMITH, Marc Kelly & KRAYNAK, Joe. *Take the Mic: The Art of Performance Poetry, Slam, and the Spoken Word (A Poetry Speaks Experience)*. Source Books, Media Fusion: New York, 2009.

SOMERS-WILLET, Susan B. A. *The Cultural Politics of Slam Poetry: Race, Identity, and the Performance of Popular Verse in America*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2012; 2009.